

Núcleo da Ação
Pedagógica

Linguagens oral e escrita

VERSÃO PRELIMINAR

Língua - Caetano Veloso

Gosta de sentir a minha língua roçar a
língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de
prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
"Minha pátria é minha língua"
Fala Mangueira! Fala!
Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica
latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?
Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos
imperialistas!
Vamos na velô da dicção choo-choo de
Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos
resgate
E – xeque-mate – explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas
da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Lobo do lobo do lobo do homem
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisas como rã e ímã
Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã

Nomes de nomes
Como Scarlet Moon de Chevalier, Glauco
Mattoso e Arrigo Barnabé
e Maria da Fé
Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica
latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?
Se você tem uma idéia incrível é melhor
fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em
alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o
Recôncavo meu medo
A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero fráttria
Poesia concreta, prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
– Será que ele está no Pão de Açúcar?
– Tá craude brô
– Você e tu
– Lhe amo
– Qué queu te faço, nego?
– Bote ligeiro!
– Ma'de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai
ficar desesperado!
– Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim
mais parece um espantalho!
– I like to spend some time in Mozambique
– Arigatô, arigatô!
Nós canto-falamos como quem inveja
negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Para iniciar a abordagem aos núcleos relativos às linguagens optamos por apresentar a concepção de linguagem que orienta os indicativos presentes neste documento, que ampliam e traduzem, em certa medida, as possibilidades de efetivação dessa concepção na ação pedagógica direta com as crianças. Partimos do pressuposto que “a linguagem é um sistema simbólico e toda linguagem é um sistema de signos” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 37). A assertividade desta definição contempla uma ideia bastante complexa, a de sistema simbólico. As elaborações no plano simbólico são todas mediadas pelas dimensões culturais e sociais, portanto, é certo dizer que não há linguagem sem interação e cultura: “Cada indivíduo, como ser simbólico que é, realiza o ato de simbolizar utilizando sistemas de representação para elaborar e objetivar seus pensamentos e sentimentos com o intuito de compreender o que se passa no mundo. Como seres simbólicos, nossa autocriação e transformação cultural nos desenvolveram como seres de linguagens. Nós humanos somos seres capazes de conceber e manejar linguagens que nos permitem ordenar o mundo e dar-lhe sentido” (*idem*, p. 36).

A linguagem como um elemento chave da produção cultural é um dos principais núcleos de trabalho junto às crianças pequenas, por isso a ideia de linguagem enquanto processo dialógico nos interessa de modo especial. De acordo com Camargo “mais que transmitir uma mensagem de um emissor para um receptor, a linguagem é o lugar da interação concreta humana” (2009, p. 220). Nessa perspectiva, propõe-se uma abordagem e, conseqüentemente, uma prática pedagógica que prime pela ação social direta das crianças nas experiências que envolvam linguagens, mediadas pelos artefatos culturais e pelos sentidos e significados produzidos social e culturalmente. O encaminhamento desse processo exige conhecimentos que dêem base para a ação das professoras de educação infantil, eixo importante das orientações que seguem.



Entre sons, olhares, gestos, risos e choros...

Os bebês olham para todos os lados, estão atentos a tudo e a todos. “Buscam” os sons, se encantam, estranham e se assustam com o mundo sonoro. Observam-nos atentamente quando falamos com eles. Prestam muita atenção, em nossas expressões e gestos, seja quando estamos lhes contrariando ou incentivando, oferecendo ou pedindo algo, perguntando ou respondendo, rindo ou chorando, narrando ou cantando. Aos poucos e sempre de forma cada vez mais complexa, os bebês passam a nos imitar, balbuciar, gesticular, se movimentar na busca pela criação e instauração de relações comunicativas e expressivas conosco e com o mundo.

Nesse sentido, é preciso lembrar que a comunicação entre os adultos e os bebês é permeada não apenas pela fala, pela oralidade, mas também é composta por expressões extras verbais envolvendo corpo, olhar, ritmo de movimento, esperas, toques. Ou como diz Hoyuelos (2006, p. 54) a comunicação não só tem a ver com a palavra, ela “se encontra numa pluralidade de linguagens que nascem certamente, com a ação verbal, porém sustentada, composta, contaminada e equivocada, enriquecida por toda uma série de atos comunicativos que acompanham a palavra”. É fundamental que os adultos prestem atenção naquilo que vai junto com a palavra falada, ou seja, ela não acontece isolada da entonação, do corpo, do gesto, da emoção, do sentido. Quando conversamos com o outro, nesse caso com os bebês, não falamos apenas com a voz, dizemos muito com o nosso corpo e pelos ritmos, sentidos, valores que o acompanham.

Assim, na inserção ao nosso cotidiano, podemos nos questionar: nos momentos em que vamos exercer uma ação de cuidado como de higiene e alimentação, anunciamos ou avisamos nossa chegada junto ao bebê? Percebemos que estamos tocando um outro ser humano? Nos preocupamos em avisá-lo sobre o que vai acontecer? Observamos a sua resposta ao nosso chamado? Percebemos a forma como o tocamos? Temos este toque também como uma forma de comunicação?

Tardos (2008) afirma que muitas vezes no contexto de educação coletiva com crianças, dizemos muito mais pelo nosso corpo do que pela palavra em si. O que implica estarmos atentos não apenas na necessidade de como e o que conversamos com as crianças, mas também no que o nosso corpo, gestos e expressões complementam ou contradizem dessa comunicação. A própria perspectiva da resposta do outro, expressada pelo tempo disponibilizado pela espera e acolhimento da manifestação deste, revela um tipo de comunicação, caracterizada não pelo monólogo, mas pelo diálogo. Uma troca de significados e sentidos sociais, constituídos e concretizados pelo encontro, do eu com o outro.

A linguagem exerce uma função fundamental na constituição das subjetividades. Se, como afirma Vygotsky (1991), aquilo que eu sou passa primeiro pelo outro, o que comunicamos ao outro interferirá na sua constituição, na sua identidade. Desta forma, devemos sempre estarmos atentos ao como nos referimos as crianças (e adultos) de todas as idades. Quando nos dirigimos a elas, as chamamos pelos seus nomes garantindo a construção de sua identidade? Temos cuidado com os adjetivos e os esteriótipos (diminutivos, apelidos, falsos elogios, ironias etc.)?

A comunicação atravessa todos os espaços e tempos em que adultos e crianças estão juntos e\ou quando as crianças estão somente entre elas. Dentro desta concepção, também podemos falar que o espaço físico, a sua organização, os objetos, cores e sabores nele presentes também são fontes e meios de comunicação para os que estão nele inseridos. Assim, devemos planejar e refletir constantemente sobre a maneira como o espaço está organizado e os elementos que o compõe; devemos perceber as comunicações implícitas e explícitas neste espaço e o modo como agimos sobre elas deve ser intencionalmente planejado. Devemos recordar que em outros espaços da instituição – que não seja o de referência do grupo que coordenamos - estão outros bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas e que a relação entre elas possibilita o acesso e a construção da linguagem oral. Deste modo é preciso refletir e planejar os espaços que incentivem o encontro entre meninos e meninas de diferentes idades. Encontros marcados pelo movimento do cotidiano, pela gestualidade infantil desde os mais pequeninhos; um espaço que acolhe a iniciativa das crianças de estarem juntas sem hora marcada de maneira rígida pelos adultos, mas não livres da sua mediação.

Outro momento fundamental onde a comunicação e a expressão corporal dos bebês se fazem presentes são os momentos em que recebem cuidados diretos com o seu corpo, ou seja, ao longo dos períodos de alimentação, higiene e descanso. Considerando que buscam – quando despertos – brincar, explorar, descobrir e sentir os limites e possibilidades do próprio corpo a todo instante, quando realizamos – professoras ou outros profissionais da instituição - a higiene corporal, alimentamos e ajudamos as crianças a repousarem, devemos estar atentos à nossa ação gestual, corporal direta para com elas e dessas para com seu próprio corpo e\ou do outro bebê.

A narrativa chega cedo à vida da criança, já em seus primeiros dias de vida. Chega através do padrão musical regular dos acalantos, que, como as histórias, se abrem e fecham nitidamente, contendo em si um mundo particular. Chega através das letras das cantigas que tantas vezes contam histórias, como “O cravo brigou com a rosa”, “Ciranda cirandinha”, “A canoa virou” e “atirei o pau no gato”, para ficar nos exemplos mais óbvios. [...] **A narrativa chega através da conversa do adulto que conta ao bebê o que fez e aconteceu, familiarizando-o com os ritmos do relato e com o que eles significam.**

(GIRARDELLO, 2007, p. 40) (grifos nossos)

Eu conto, eu canto, tu cantas! - Nós cantamos e brincamos!



Borboleta

Borboleta pequenina que vem para nos saudar
Venha ver cantar o hino que hoje é noite de natal
Eu sou uma borboleta pequenina e feiticeira ando no meio das flores
procurando quem me queira
Borboleta pequenina saia fora do rosal
Venha ver quanta alegria que hoje é noite de natal
Borboleta pequenina venha para o meu cordão
Venha ver cantar o hino que hoje é noite de natal
Eu sou uma borboleta pequenina e feiticeira ando no meio das flores
procurando quem me queira
Borboleta pequenina sai fora do rosal venha ver quanta alegria que hoje é
noite de natal
(Folclore Nordestino)



Lagarta pintada

Lagarta pintada quem foi que te pintou?

- Foi uma menina que aqui passou.

No tempo das areias, levanta poeira.

Pega essa menina pela ponta da orelha.

(Domínio popular)

Boi Sarapintado

Olha o boi Sarapintado

Olha o boi de mamão!

Tem cara de zangado, mas não fuja não

Da cabeça até o rabo ele é de papelão

Êh!

(Domínio popular)

Baleia da Armação

Convidaram pra ir ver

A baleia da armação

As ondas do mar lá fora

São verdes são amarelas

Me dizes meu amor

Como passou por cima delas...

(Domínio popular- canções folclóricas da Ilha de Santa Catarina)

Chamarrita

No meio daquele mar

Tem um nó de fita azul

Não é fita não é nada

É o vento que vem do Sul

Tá ventando um vento sul

Do norte vem uma aragem

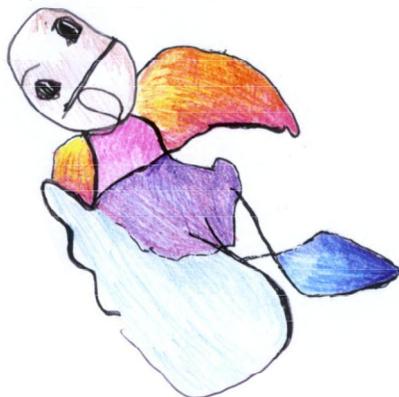
Se meu amor está pro norte

Deus lhe dê boa viagem

Vira o remo pra correr do mar

Maria da vela, moreninha oiá

(Domínio popular- canções folclóricas da Ilha de Santa Catarina)





- Era uma vez um gato xadrez, quer que eu te conte outra vez?

Lembramos então, que meninos e meninas, na maioria das vezes, chegam às instituições de Educação Infantil já possuindo um repertório de acalantos, contos de fadas, contos maravilhosos, fábulas e lendas. Diríamos ainda que este repertório expressa não apenas a cultura local, mas universal a qual as crianças e suas famílias têm acesso. Temos ainda, em especial, entre as crianças pequenas um repertório de histórias e personagens advindos da cultura televisiva. Assim, as crianças que compartilham os espaços das nossas creches e pré-escolas “não são um livro em branco”, as “*histórias já fazem parte de sua experiência, cabendo ao professor ampliá-las*” (DEBUS, 2009, p. 4). No caso dos bebês e das crianças bem pequenas certamente o repertório é limitado, e o trabalho deverá ser ainda mais compartilhado com as famílias sempre que possível. Para tal, podemos criar estratégias como as sacolas com livros infantis, que as crianças levam sistematicamente para casa para realizarem *leituras-compartilhadas com seus familiares* e mesmo com CDs de acalantos e canções folclóricas, por exemplo, para descobrirem, cantarem e brincarem juntos! Certamente devemos, para isso, saber das condições reais de leitura e escuta das famílias e buscar soluções coletivas sempre que necessário.

[Livros entre os bebês?]

a utilização [do livro] como objeto **aproxima a criança do cerimonial de leitura** e seus protocolos (segurar o livro, virar as páginas etc). Venho pleiteando há algum tempo o lugar desta criança [pequeninha] como leitora, senão leitora do código gráfico do aspecto físico do livro, efetivando uma leitura sensorial deste material, que, por certo, aproximá-la-á do mundo da leitura ao fazer uma leitura fingida com os dedos pelas páginas coloridas do livro. Leitura sensorial, **leitura pelos sentidos**, cinco sentidos. (olfato, tato, visão, audição, e gustação \ paladar) (DEBUS, 2009, p. 3) (grifos nossos)



- Eu declamo, tu declamas, nós... declamamos e inventamos!

Poesia

É brincar com palavras
Como se brinca
Com bola, papagaio, pião.
Só que
Bola, papagaio, pião
De tanto brincar
Se gastam
As palavras não:
Quanto mais se brinca
Com elas
Mais novas ficam.
(José Paulo Paes)

Lá em cima daquele morro
Vai um tucano avoando
Como o bico vai
escrevendo
Como a asa vai apagando
(Domínio popular –
folclore da Ilha de Santa
Catarina)

O ar (o vento)

Estou vivo,
mas não tenho corpo
Por isso é que
eu não tenho forma
Peso eu também não
tenho
Não tenho cor

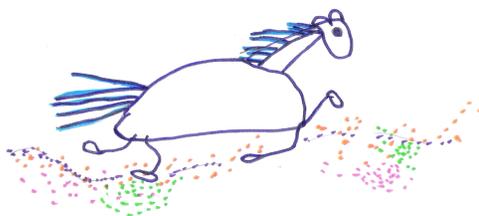
Quando sou fraco
Me chamo brisa
E se assovio
Isso é comum
Quando sou forte
Me chamo vento
Quando sou cheiro
Me chamo pum!
(Vinícius de Moraes)

O menino azul

[...]
O menino quer um
burrinho
que saiba inventar
histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo
mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

Quem souber de um
burrinho desses,
pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não
sabe ler.
(Cecília Meireles)





Conversa vai, conversa vem....

A roda da conversa (ou da novidade) é uma prática muito presente em nossas instituições sendo, muitas vezes, realizada de modo corriqueiro, sem uma organização cuidadosa. Ela, muitas vezes, é compreendida como espaço e tempo de apresentação de assuntos, de atividades a serem realizadas no decorrer do período ou do desenvolvimento das etapas de um projeto, onde quase sempre essa comunicação fica focada nos discursos das professoras, cabendo às crianças apenas ouvirem. Também temos situações nas quais, o que as crianças falam parece não ser o assunto a ser abordado pelos adultos e, por isso, não são de fato escutadas. Essa prática limita as possibilidades das professoras auxiliarem as crianças no estabelecimento de processos comunicativos significativos, de organização do pensamento e da fala, onde a ludicidade, o faz-de-conta, os medos, o riso, também podem fazer parte. Os limites encontrados nesta prática se explicam, em certa medida, pelo desconhecimento do modo como as crianças pensam e do próprio papel da conversa, do diálogo permeado pelo gesto e pela entonação da voz na construção da cultura, uma vez que não nascemos conversando. Uma das saídas é “aprendermos a escutar as crianças com a mesma seriedade com que elas se empenham para compreender o mundo. [...] conhecer a forma como elas raciocinam e se expressam e descobrir porque, afinal, elas falam ‘essas coisas’” (SÃO PAULO, 2002, p. 26). Deve-se identificar quais os assuntos das conversas das crianças se prolongam no tempo; que conceitos, concepções, estereótipos emergem em suas falas, considerando o que a professora sabe a respeito dos assuntos e conceitos que as crianças estão conversando e que deve constantemente ampliar o seu vocabulário, os seus saberes e conhecimentos de forma a poder estabelecer conversas que problematizem e ampliem as referências das crianças, mediante fontes de consulta confiáveis.

A consideração dos aspectos supracitados, mediante a observação e registro das ações e conversas das crianças, disponibilizam elementos, que no planejamento das situações de intervenção junto a elas, permitem desencadear conversas interessantes com as crianças, nas quais há espaços para perguntas por parte delas. Os modos como essas

conversas são comunicadas às demais crianças da instituição ou às famílias de modo geral, deve ser pensado, bem como a necessária atenção com a ética e a estética nestas apresentações, sempre respeitando o nível de privacidade sugerido pelas crianças ou percebido como necessário pelas professoras. Cabe ainda lembrar que os registros destes momentos devem auxiliar de forma efetiva na compreensão dos percursos discursivos e linguísticos das crianças e ser considerados nos planejamentos sucessivos.



Brincando com gestos, palavras, histórias e poemas

A perspectiva do trabalho pedagógico da linguagem oral e escrita no contexto da Educação Infantil deve contemplar sua função social, sua perspectiva histórica da *criação* de sentidos, de expressão e comunicação, do seu caráter lúdico como aparece explicitamente em alguns poemas, trava-línguas, cantigas e histórias de diferentes culturas. Ou seja, as práticas pedagógicas devem perspectivar o desenvolvimento e construção cada vez mais rica, significativa e complexa da gestualidade infantil, das suas narrativas, desenhos e palavras para que as crianças sejam contadoras-criadoras e leitoras de histórias sem fim! Que sejam capazes de (re)inventar ludicamente o mundo dos sons, dos gestos e das palavras.

Para Vygotsky (1991) o desenvolvimento da escrita está arraigado na história da gestualidade e da fala humana, uma vez que a gestualidade, para ele é a fonte da atividade gráfica: desenho e escrita. Os gestos nesta perspectiva são compreendidos como uma forma de escrita no ar, no espaço, assim como os primeiros rabiscos das crianças são entendidos como “gestos fixados no papel” sendo que ambos constituem formas expressivas uma vez que significam algo. Vale lembrar que, a significação é de origem sociocultural e mediadora de todos os processos psíquicos.

Suely Amaral Mello em relevante texto sobre as “contribuições da educação infantil para a formação do leitor e produtor de textos”, que constitui as Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil (2009) e que deve ser tomado como uma referência para o trabalho pedagógico, afirma que a formação de leitores e produtores de textos exige a compreensão de como as crianças aprendem a linguagem escrita e como se tornam leitoras. De acordo com a autora, esse é um processo complexo, que tende a ser simplificado e a relação entre a escrita que representa a fala, que por sua vez representa a realidade tende a ser reduzida a relação direta entre a escrita que representa a fala, ou ainda mais objetivamente, a letra que representa o som, o que desconsidera uma parte fundamental do processo de aprendizagem da escrita e da leitura: a produção de significado. Essa constatação de Mello traz algumas implicações para a prática pedagógica: “devemos chamar a atenção da criança primeiro para o significado do texto – ou seja, para a relação entre escrita e realidade – e só mais tarde é que chamaremos sua atenção para o aspecto técnico da escrita, para a maneira como se escreve, ou seja, para a ligação entre escrita e fala” (MELLO, 2009, p. 47). Mas como criar situações e interações que possibilitem às crianças se tornarem sujeitos criadores de significados, de cultura por meio da linguagem escrita?

[...] o desafio da educação infantil não é o de ensinar letras, mas o de construir as bases para que as crianças possam desenvolver-se como pessoas plenas e de direito e, assim, participar criticamente da cultura escrita, convivendo com essa organização discursiva, experimentar, de diferentes formas, os modos de pensar típicos do escrito. (BRITTO, 2005)

A proposição de situações que envolvam a escrita e a leitura deve ser considerada em um campo mais amplo de significação, o que requer pensarmos os espaços onde *a brincadeira, a gestualidade, o desenho, a fala, as interações*, ou seja, as múltiplas expressões humanas acontecem e como são incentivadas a serem experienciadas pelas crianças, sozinhas, com seus pares e/ou adultos. Além da garantia de um espaço e tempo próprio para estas expressões, e de orientações pedagógicas que viabilizem o desenvolvimento de diferentes linguagens, é preciso refletir e organizar os elementos materiais, diversificados e de qualidade, que possam ser utilizados pelas crianças (e adultos) na construção de situações significativas onde *falar, manusear livros - revistas, gibis, folhetos, jornais, catálogos etc. - ler, desenhar e escrever sejam modos de brincar. Um brincar capaz de desafiar constantemente as crianças a descobrirem e se apropriarem dos encantos e especificidades da linguagem oral, gráfico-plástica (desenho) e escrita, despertando a curiosidade infantil, construindo e fortalecendo os processos de imaginação, da produção da cultura infantil.*

Embora as crianças lancem mão de formas de comunicação e elaboração de significados em diferentes situações que não só aquelas que são propostas com a finalidade de desenvolver experiências específicas nesses campos, contemplá-las nessas diferentes situações é possível, à medida que a professora ao estruturar os espaços e ao propor brincadeiras de faz-de-conta, com jogos, experiências com as diferentes linguagens, pode dispor intencionalmente objetos e mediar as experiências das crianças de modo que utilizem a linguagem oral e escrita contextualizadamente. Por exemplo, ao organizar um espaço para uma brincadeira de faz-de-conta, como um salão de beleza para as crianças brincarem, a professora pode também dispor telefone, agenda, canetas para que as crianças as utilizem na brincadeira, podendo inclusive mediar esse processo junto às crianças.

É necessário criar nas instituições de educação infantil práticas pedagógicas que promovam a imaginação criadora das crianças, sua fala, seu brincar, desenhar e todas as demais linguagens através das quais elas se expressam. Isto porque, todas elas convergem para o desenvolvimento integral das crianças e, portanto, para o desenvolvimento e construção da linguagem escrita. Assim, o contato e a experiência com a dramatização de diferentes gêneros literários, o cantar e declamar, o brincar de

com trava-línguas e cantigas de roda, a leitura, a escuta e criação de histórias e contos diversos por crianças e pelos profissionais responsáveis (direta ou indiretamente) pela sua educação e cuidado permitem, entre outros, que meninos e meninas da mais tenra idade sejam inseridas no mundo da linguagem escrita.

As propostas pedagógicas também devem estar voltadas à valorização das “pesquisas”, das invenções infantis na linguagem oral e escrita. Quanto à seleção das histórias a serem narradas, dos livros a serem comprados e disponibilizados a todas as crianças e profissionais da instituição (assim como das famílias), devemos estar atentos para que tal escolha não “recai sobre o ‘conteúdo’, aquilo que se quer ensinar em detrimento da literariedade e do prazer que o texto literário poderia proporcionar/provocar” (DEBUS, 2009, p.02). Igualmente devemos prestar atenção na apresentação de um material literário de boa qualidade plástica e linguística, bem como a proposição contínua – e cada vez mais complexa - do faz-de-conta através do *brincar e descobrir* palavras, sonoridades, ritmos e significados compondo um quadro permanente de ampliação dos repertórios culturais das crianças, de seus vocabulários e brincadeiras é igualmente fundamental. Soma-se a tudo isso, a liberdade dada às crianças, *desde o berçário, para o manuseio de diferentes livros sobre o tapete da sala, a almofada da biblioteca, dentro da casinha de bonecas ou no parque da creche*, pois estes momentos favorecem a construção de sujeitos “*amantes da leitura*”, da literatura, das imagens e\ou palavras impressas que fazem sonhar.

Quanto à proposição de situações que envolvem diretamente a escrita, indicamos que elaborar dicionários com imagens e palavras que as crianças têm interesse em conhecer o seu significado pode ser interessante, assim como elaborar textos coletivos em que a professora é a escriba e as crianças as autoras, sendo que além de escrever o texto com as idéias das crianças, também é papel da professora ajudá-las a estruturá-lo de modo que se torne legível para todos, sempre respeitando as ideias originais das crianças. Ainda chamamos a atenção para a curiosidade das crianças em relação às letras, por isso sua presença no espaço das creches e NEIs só faz sentido se as crianças puderem manuseá-las sempre que tiverem necessidade, se puderem descobri-las nos jogos, nos cartazes a sua altura, nos livros, revistas, ao participar de situações em que a professora produz textos, enfim, no contato com variadas situações que envolvam a escrita e materiais escritos.

O acesso a escrita e a leitura é um direito da criança, que deve ser assegurado no contexto da educação infantil. As experiências a serem propostas nesse âmbito devem provocar a curiosidade das crianças, promover o seu interesse e não afastá-las dessas práticas, portanto, na educação infantil devemos estar atentos para os modos como essa aproximação é proposta, como afirma Mello (2009): “[...] uma tarefa importante da professora de crianças pequenas é proporcionar experiências que deixem as crianças encantadas e maravilhadas para que tenham muito que expressar a partir daí. Nesse sentido, vale lembrar que nós professoras temos muito que aprender. Precisamos ser cúmplices das crianças no oferecimento e proposição de atividades que sabemos que as crianças gostam. [...] Precisamos, ainda, ser ousados e criativos naquilo que propomos e dessa forma vamos aprendendo com nossas próprias experiências novas formas de relação com as crianças e novas possibilidades de relação com a cultura” (p. 48). Isso para que tenhamos claro que os processos de aprendizagem ocorrem de modo articulado às experiências socioculturais, não se diferenciando no caso da oralidade, da escrita e da leitura.



Sonhando, escrevendo e contando histórias:

o papel das professoras e demais profissionais da instituição

- ⓐ Escutar e observar atentamente as crianças, falar-lhes de modo não infantilizado ou estereotipado, preocupando-se com a entonação da voz, com a respiração, sentindo sua própria fala, o ritmo e o movimento de seu corpo construindo relações afetivas, comunicativas e expressivas incluindo os momentos privilegiados do cuidado diário;
- ⓐ Iniciar diálogos com as crianças estando atento as suas suas manifestações constituindo respostas que de fato as consideram, lembrando que o tempo e a forma de resposta das crianças podem ser diferentes das dos adultos ou daquilo que os adultos esperam;
- ⓐ Construir ações dialógicas que não considerem apenas aquilo que o adulto propõe ou diz, mas também aquilo que as crianças têm a dizer;

- ④ Narrar aos bebês e às crianças bem pequenas as ações que são exercidas para e com eles, por exemplo, a troca de fraldas, o banho, a alimentação, o acalento no momento do sono, uma brincadeira etc.;
- ④ Organizar ambientes e materiais de leitura, escrita e escuta de modo que as crianças, desde os bebês, tenham acesso aos mesmos de modo autônomo, quando adequado;
- ④ Criar situações onde a organização dos ambientes e materiais incluindo a participação direta das crianças sempre que possível;
- ④ Promover condições para que a escrita apareça de modo significativo e em conexão com seus usos no cotidiano da nossa cultura: cartas, bilhetes, recados no mural da instituição, receitas médicas, receitas culinárias, criação de livros, blogs, e-mails;
- ④ Contar e ouvir diariamente histórias de diferentes gêneros e culturas: dos livros, inventadas por ele(a) mesmo(a) em diferentes tempos e espaços (na roda, no momento em que as crianças vão dormir, nos momentos de alimentação, no parque, na hora do banho, nos momentos de acolhida \ chegada), respeitando os modos próprios de escuta dos bebês, das crianças bem pequenas e das crianças pequenas (às vezes paradas, sentadas, deitadas, gesticulando sob o som da narrativa, com brinquedos nas mãos, em movimento);
- ④ Oportunizar cotidianamente momentos nos quais as crianças leiam, inventem, narrem, cantem e encenem as suas próprias histórias, contem o que lhes aconteceu de interessante, surpreendente, curioso ou que lhes causou estranhamento, medo, insegurança. Esses momentos podem ser registrados em um quadro visível à todos, para que possam acompanhar e avaliar as experiências que são privilegiadas no cotidiano e aquelas que têm ficado fora dos planejamentos;
- ④ Possibilitar que as crianças escutem histórias em cenários aconchegantes, desafiadores e diversos (por exemplo: na casinha do lobo, embaixo da árvore encantada ou naquela com um buraco no tronco, como na história de Alice no País das Maravilhas; sentadas sobre o tapete mágico vindo das terras longínquas onde mora Aladin; cabanas, tendas temáticas, sob céus que mudam de cores e sabores, com tecidos pendentes) ou mesmo para além dos muros da instituição: na areia da praia, no campo de futebol, no Parque Florestal, na praça, nas dunas, na beira da lagoa, no museu;
- ④ Ouvir e registrar de diferentes maneiras as histórias das crianças (registro fotográfico, escrito, audiovisual, áudio) e socializar esta produção (através de painéis e ou murais, material impresso – como jornal do grupo e /ou da instituição -, em áudio (CDs) etc.) com o coletivo da instituição, com as famílias e a comunidade de modo geral;

- ④ Promover a circulação de livros, CDs e DVDs entre as crianças e suas famílias, disponibilizando o acervo da instituição de modo que possam levá-los para casa periodicamente;
- ④ Organizar visitas a bibliotecas (como visita a biblioteca Barca dos Livros, de outras creches e escolas, do centro comunitário do bairro, Biblioteca Pública de Florianópolis, bibliotecas de escolas), livrarias (circulando entre livros e espaços não apenas destinados à literatura infantil, mas descobrindo outras seções), feiras, encontros com escritores e contadores de histórias, ilustradores de livros;
- ④ Propor regularmente oficinas de criação e divulgação de poesias, versos, rimas, histórias, músicas, assim como promover a participação das famílias nestas propostas;
- ④ Realizar – com o coletivo da instituição e as famílias - uma reflexão crítica sobre o material publicado para as crianças ou não e que fazem ou farão parte do acervo;
- ④ Instigar as crianças a criarem jogos orais de palavras e sons, brincarem com parlendas, adivinhas, apreciar o ritmo, o tempo, a estrutura das prosas e dos poemas, encontrar, criar e experienciar a poesia;
- ④ Cuidar, pesquisar e ampliar permanentemente o acervo;
- ④ Contar e recontar histórias com auxílio de: transparências e retroprojetor (ilustrações dos livros projetadas em dimensões variadas, ilustrações das histórias criadas pelas próprias crianças), fantoches, dedoches, teatro de sombras (com imagens criadas pela disposição das mãos, com bonecos e /ou objetos, com o corpo todo);
- ④ As crianças devem ter no contexto da instituição a possibilidade de entrarem em contato com a produção oral e escrita (em prosa e verso, em meio impresso e digital), elaborada por outras crianças: brasileiras e estrangeiras, de etnias, classes sociais, idades e culturas diversas;
- ④ Criar oportunidades de uso do nome próprio da criança – leitura e escrita – para construir e marcar a sua identidade em seus pertences e suas produções, bem como, a leitura dos nomes dos amigos, das amigas e dos adultos da instituição (e de fora dela);
- ④ Planejar e propor momentos para as crianças explorarem de modo significativo alguns textos mais empregados na gestão do dia-a-dia: agenda do dia, calendário, cardápio das refeições, receitas, lembretes, possibilitando que as crianças vivenciem, percebam a escrita nos seus diferentes usos e funções sociais, ampliando assim seus horizontes comunicativos;

- ⓐ Incentivar as crianças escreverem de seus nomes e dos amigos e das amigas, a “produzirem textos” mesmo sem saberem ler e escrever formalmente;
- ⓐ Incentivar e possibilitar que as crianças pequenas, individualmente ou em pequenos grupos, contem e recontem histórias e narrem situações, cantem para as crianças menores;
- ⓐ Organizar rodas de histórias envolvendo todas as crianças inseridas na instituição, podendo ser abertas à participação das famílias – ou outros responsáveis pelas crianças - e a comunidade, com a participação de escritores e contadores de histórias;
- ⓐ Disponibilizar tempos para que as crianças descubram, explorem o computador e as suas diferentes possibilidades que ele oferece à escrita, ao desenho e a comunicação tendo o auxílio dos adultos, assim como individualmente e com outras crianças;
- ⓐ Criar intercâmbio (via e-mail, desenhos, cartas, bilhetes etc.) entre as crianças de turnos diversos, salas, instituições, regiões, nacionalidades;
- ⓐ Promover diversificadas propostas de modo longitudinal onde a linguagem oral seja a “vedete”, como programas de rádio feitos pelos adultos e/ou pelas crianças, podendo envolver familiares e a comunidade de modo mais amplo;
- ⓐ Agendar visitas a estações de rádio, televisão, gráficas e editoras, empresas de comunicação impressa, publicidade e propaganda;
- ⓐ Organizar o seu próprio tempo para: leitura (não apenas de livros didáticos), participar de rodas de histórias, frequentar bibliotecas e outros espaços que privilegiam o encontro com a poesia, com a tradição oral, para escrever suas histórias em prosas e versos, para descobrir novos autores, poetas, participar de encontros literários e outros eventos de qualidade onde a linguagem oral e escrita seja o foco.



- Mexe dali, puxa daqui: organizando espaços e tempos

É importante considerar que as linguagens no cotidiano das crianças se entrecruzam. As crianças ao se expressarem lançam mão de diferentes linguagens. Para as crianças, cantar, brincar, escrever, falar, desenhar, movimentar-se pode acontecer simultaneamente. Assim, a organização dos espaços e tempos deve prever essa simultaneidade e imprevisibilidade. O que não significa dizer, excluir a existência de um espaço privilegiado para a leitura e escrita.

- ⓐ A organização do espaço necessita assegurar às crianças (desde a mais tenra idade) o contato com diferentes gêneros literários. Isso implica que, na organização de bibliotecas e espaços para os livros nos diferentes lugares das instituições, a seleção de material deve ir além da literatura infantil. Ela pode incluir livros de arte, gibis, jornais, revistas, livros didáticos, livros em braile, álbuns de figurinhas, revistas científicas, livros e outros materiais impressos em línguas estrangeiras, enciclopédia;
- ⓐ Oferecer instrumentos para a descoberta do grafismo e da escrita: papéis de diferentes formas e texturas, cadernos, bloquinhos, agendas, canetas, lápis, giz, jogos com letras, carimbos;
- ⓐ Disponibilizar suportes para a descoberta dos traços e da escrita: suportes móveis (como pranchas) que permitam as crianças circularem pelo contexto da instituição com apoio para a escrita e para o desenho. Do mesmo modo, oferecer suportes fixos (mesas e cadeiras, bancos, bancadas), dispostos em diferentes ambientes para que as crianças possam utilizar de apoio para as suas brincadeiras empregando a escrita e o desenho;
- ⓐ Elementos como mimeógrafos e carbonos, podem estar à disposição das crianças para que criem textos, desenhos e os possa reproduzir para partilhar com as demais crianças;
- ⓐ Quadros negros nos espaços internos e externos da instituição a altura das crianças;
- ⓐ Gravetos, pauzinhos e outros instrumentos que permitam e instiguem as crianças deixarem marcas, desenharem, escrever na areia, na terra, na calçada;
- ⓐ A instituição e os órgãos competentes também devem garantir espaços e materiais adequados para a leitura e escrita das professoras e demais profissionais que nela atuam.



“Pela estrada a fora”: que não pode faltar pelo caminho

- ⓐ livros em língua materna e estrangeira, possibilitando que as crianças entrem em contato com escritas e culturas diversas;
- ⓐ livros de qualidade criados por crianças de diversas culturas, nacionais e estrangeiros;
- ⓐ livros com e sem imagens/ilustrações; livros de tecido e em outras texturas; livros sonoros;

- literatura infantil contemporânea, contos de fada, contos maravilhosos;
- gibis (produzidos por diferentes editoras e nacionalidades);
- jornais e revistas diversificados (de cunho científico e tecnológico, literário, artístico, de arquitetura e urbanismo, paisagismo e jardinagem, variedades, automobilismo, navegação, esportes, moda, cabelos entre outros) em língua nacional e estrangeira;
- literatura de cordel, contos e mitos locais e globais (açorianos, gregos, africanos, indianos e outros);
- livros de contos, poesias, rodas cantadas, parlendas;
- jogos pedagógicos com letras e palavras;
- livros em braile, materiais em libras;
- livros de culinária, didáticos, históricos, de arte para crianças e de história da arte, livros de arte em geral – catálogos de exposições;
- canetas hidrocor, pincéis atômicos e para retroprojeto, giz de cera, giz pastel, lápis, grafite, crayon, carvão, lápis de cor, tintas do tipo guache, pincéis de vários tamanhos (todos de boa qualidade e em quantidade suficientes para atender a demanda da instituição e das crianças, recebendo atenção e manutenção ao longo do período letivo);
- dicionários (de diversas línguas), livros didáticos de diferentes áreas do conhecimento: biologia, física, história, geografia, português, etc.
- listas telefônicas \ agendas telefônicas;
- mapas históricos, geográficos (novos e antigos), cartas náuticas ;
- fantoches, brinquedos e outros materiais\estruturas com os quais as crianças possam inventar e narrar histórias;
- papéis, papelão de diferentes gramaturas, cores e tamanhos, transparências
- CDs e outras gravações em áudio com sons, histórias, falas e narrativas diversas;
- DVDs de desenhos e filmes infantis, documentários de qualidade que contemplem diversidade cultural, contemplem diferentes faixas etárias, contemplando diferentes assuntos de forma plural e ética, de modo a ampliar os repertórios culturais e lingüísticos das crianças (sendo que este acervo deve sempre ser visto e discutido cuidadosamente pelas professoras antes das crianças terem cesso dentro da instituição).



Equipamentos:

- Ⓞ Aparelhos de som (para diferentes formatos de mídia);
- Ⓞ Computadores (com leitores e registradores em diferentes formatos de mídia) em suportes que permitam, quando necessário, serem deslocados para diferentes ambientes da instituição / Acesso a internet;
- Ⓞ DVDs, TVs.
- Ⓞ Retroprojetores;
- Ⓞ DataShow;
- Ⓞ Registradores de áudio e audiovisual entre outros.



Navegando pelas ondas da internet:

Angela Lago: <http://www.angela-lago.com.br/>: site da escritora e ilustradora de livros infantis Angela Lago, com histórias interativas, adivinhas e um “robô que é cobra em adivinhações”.

Biblioteca Barca dos livros: <http://www.amantesdaleitura.org/novo/index.php> site da biblioteca “comunitária, mantida pela Sociedade Amantes da Leitura, com sede na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, que defende a importância da leitura para o desenvolvimento comunitário e individual”. Aqui podemos acompanhar todo o movimento da Barca dos Livros e seus inúmeros projetos como “O Barco – A Biblioteca Itinerante”, encontros permanentes do grupo de formação em narração de histórias, lançamento de livros, encontros literários, saraus, exposições, acesso on-line aos títulos do acervo, reservas e agendamentos para visitas de grupos de crianças e suas professoras.

Caracol do Ouvido: <http://caracol.imaginario.com/2002index/index.html>: disponibiliza conteúdos sobre folclore, histórias e canções populares, acalantos, poesia, contos de Magia, Fábulas da Raposa, Lendas do Brasil e do Mundo.

Ciberpoesia: <http://www.ciberpoesia.com.br/> : espaço dentro do Tigre Albino com poemas interativos, poesias visuais.

Dobras da Leitura: <http://www.dobrasdaleitura.com/index.html>: publicação eletrônica dedicada a literatura infantil e juvenil com as novidades do mercado editorial; traz uma sessão com reflexões sobre as tendências da literatura e do livro

para crianças e jovens, formação de leitores e incentivo à prática da leitura literária. Também se encontra disponível uma mostra virtual de ilustrações.

Ebooks: http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/freebook_crianca1.htm aqui você tem acesso a uma vasta gama de títulos da literatura infantil disponível on-line.

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: <http://www.fnli.org.br/principal.asp>: site institucional no qual você terá acesso ao jornal da Fundação, prêmios, links relacionados a escritores, leitura, institutos e Fundação Biblioteca Nacional.

Revista Presença Pedagógica: <http://www.presencapedagogica.com.br/>

Roda de Histórias Indígenas: <http://www.rodahistoriasindigenas.com.br/parcerias.htm>: apresenta uma seleção de histórias indígenas em textos e áudio. Segundo a apresentação do próprio site: “As histórias indígenas reservam um manancial de imagens, por vezes inusitadas, que revelam temas fundamentais da condição humana, os fenômenos da natureza e a origem das coisas, demonstrando assim a vasta capacidade do homem de dar sentido e criar diferentes modos de vida. Esperamos que a divulgação destas culturas nativas possa causar um estranhamento positivo e provocador”.

Roda de Histórias: <http://www.rodahistorias.com.br/>: site com histórias para ouvir, indicativa e comentários de livros dedicados ao público infantil, vídeos e animações selecionados do site Curta Petrobrás, “Cuidado que Mancha - Ouvindo Coisas” (programa de rádio), “Contando 7 em Ponto”; informativo “ôprocevê” com notícias de ventos, projetos no mundo da poesia e da literatura entre outros.

Roseana Murray: <http://www.roseanamurray.com/> poemas escritos, animados e falados; ebooks, biografia da escritora.

Ruth Rocha: <http://www2.uol.com.br/ruthrocha/> site com a biografia da escritora Ruth Rocha. Com índices de suas obras e uma sessão na qual é possível ler as suas histórias. Também há um link para ouvir as histórias do CD “Mil Pássaros”, com narração de Ruth Rocha e canções do grupo Palavra Cantada.

Tigre Albino: <http://www.tigrealbino.com.br/> revista eletrônica de poesia infantil. Publica artigos e reflexões sobre aspectos da poesia para crianças. Editores: Sérgio Capparelli, Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini. O site traz indicações de outros links sobre a poesia e literatura.

Ziraldo: <http://www.ziraldo.com.br/> apresenta a biografia e grande parte do trabalho do escritor Ziraldo. Possui uma área específica para a Educação Infantil. Com páginas interativas, jogos, sala de leitura, relação de livros. Disponibiliza uma sessão especial do Menino Maluquinho.

Ainda existe um grande número de sites sobre literatura e literatura infantil, escritores e escritoras, poetisas e poetas e experiências que podem lhe oferecer uma ampla gama de conteúdos e imagens para subsidiar diversos projetos pedagógicos envolvendo a linguagem oral e escrita com as crianças. Navegue pela rede, entre nessa aventura!